



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA**

LUANA TEIXEIRA SERRA

**A IMPORTÂNCIA DOS SONHOS PARA A
ESCUA DO INCONSCIENTE NA
PSICANÁLISE**

**NITERÓI
2024**

LUANA TEIXEIRA SERRA

**A IMPORTÂNCIA DOS SONHOS PARA A
ESCUA DO INCONSCIENTE NA
PSICANÁLISE**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia. Orientador(a): **Prof(a). FLAVIA LANA GARCIA DE OLIVEIRA.**

**NITERÓI
2024**

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S487i Serra, Luana Teixeira
A importância dos sonhos para a escuta do inconsciente na
psicanálise / Luana Teixeira Serra. - 2024.
43 f.

Orientador: Flavia Lana Garcia de Oliveira.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, Niterói, 2024.

1. Sonho. 2. Censura. 3. Inconsciente. 4. Psicanálise. 5.
Produção intelectual. I. Oliveira, Flavia Lana Garcia de,
orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de
Psicologia. III. Título.

CDD - XXX

**TERMO DE
APROVAÇÃO**

LUANA TEIXEIRA SERRA

**A IMPORTÂNCIA DOS SONHOS PARA A
ESCUTA DO INCONSCIENTE NA
PSICANÁLISE**

Trabalho de Conclusão aprovado pela Banca Examinadora do Curso de Graduação em
Psicologia da Universidade Federal Fluminense – UFF

Aprovada em 23 de agosto de 2024.

**BANCA
EXAMINADORA**

Profa. Flavia Lana Garcia de Oliveira – Dra. - UFF -
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **FLAVIA LANA GARCIA DE OLIVEIRA**
Data: 16/09/2024 14:42:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Flavia Gaze Bonfim – Dra. – UFF

Documento assinado digitalmente
 **FLAVIA GAZE BONFIM**
Data: 16/09/2024 14:45:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Renata Monteiro – Dra. - UFF

Documento assinado digitalmente
 **RENATA ALVES DE PAULA MONTEIRO**
Data: 16/09/2024 16:33:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**NITERÓI
2024**

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia de conclusão do curso de Psicologia a meus familiares, parentes e amigos cuja presença e incentivo foi essencial para o cumprimento de mais essa etapa na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por em todos os momentos me sustentar e me ajudar em cada processo dos meus estudos. Eu sei que em todo tempo Ele me guardou e me permitiu viver esse sonho de estudar na Universidade Pública. Agradeço também pela vida de cada pessoa que o Senhor me apresentou para me ajudarem a viver a realidade desse sonho.

Foram tantos dias chegando tarde da noite e levantando pelas madrugadas, foram tantas vezes tendo o dinheiro só da passagem, e não posso deixar de lembrar sobre isso dos sorteios que fizemos para arrecadarmos renda para essa finalidade. Foram tantas experiências como essas vividas com dedicação e esforço, e nós conseguimos passar por tudo isso, graças a Deus. E por tudo isso, eu te agradeço, vó Josefa! A senhora é uma inspiração para mim de força e coragem. Reconheço todo seu cuidado e amor para me fazer viver sempre o melhor.

Ao meu pai, Daniel, por toda vez, mesmo que cansado de horas no trabalho de corrida por aplicativo, porém sempre disposto a me buscar na universidade durante os períodos iniciais. Obrigada por ser um pai presente nos dias bons e ruins, sempre me aconselhando e me abraçando.

À minha mãe, Josinex, por tantas vezes tarde da noite e às vezes depois de um dia de faxina, mas sempre me encontrava no ponto de ônibus para me acompanhar até nossa casa. Obrigada por acreditar no meu potencial e por fazer tanto por mim.

Aos meus tios, Robson e Janex, por serem como pais para mim e por confiarem no meu empenho. Aos meus primos, Mateus e Pedro, pelo carinho e amor.

Ao Fernando, por ser uma pessoa incrível e importante na minha vida. Obrigada por sempre acreditar no meu potencial e me incentivar a viver e alcançar lugares ainda maiores. Sou grata por você acrescentar em minha vida sentimentos bons como o amor e a felicidade.

Às minhas amigas da faculdade para a vida: Letícia, Ana Carolina, Jenifer, Layssa, Carol, Juliana, Maria Clara e Mirian. Obrigada pelas conversas, risadas e a gentileza. Vocês são importantes na minha vida e fazem parte dessa conquista.

À minha orientadora, Flavia Lana. Obrigada pela paciência e por me acompanhar nessa etapa. Te agradeço por toda transmissão da psicanálise de forma acessível e por acreditar e investir nos seus alunos com todo cuidado e bom ânimo.

Agradeço também a cada professor do curso de Psicologia, pela transmissão que para além de ser dos conteúdos teóricos foi também da prática de cuidado: Marcia Moraes, Ana Cláudia, Carlos Costa, Paula Land e Virginia Dresch.

Às professoras que participam da banca, Flavia Gaze Bonfim e Renata Monteiro. Obrigada por fazerem parte dessa etapa tão importante da minha graduação com dedicação.

Aos meus professores do ensino fundamental e médio, especialmente, Julia Marques, Manoel Santana, Joelma, Flavia, Renato, Edilson e Peter. Obrigada por contribuírem tanto nos meus estudos.

À minha psicóloga, Marília, te agradeço pela escuta atenta e cuidadosa.

Deixo registrado neste documento a minha gratidão por cada pessoa que faz parte dessa conquista. E saibam que essa vitória não é só minha, mas também de todos vocês.

“Cada coisa tem sua hora e cada hora o seu cuidado.”

Rachel de Queiroz

RESUMO

Este trabalho consiste numa revisão bibliográfica baseada principalmente nos textos freudianos com o objetivo de explicitar a formação dos sonhos. Desse modo, será abordado a diferença do conteúdo manifesto do sonho para o conteúdo latente, este por sua vez é modificado pelo trabalho do sonho para que ultrapasse a barreira da censura e chegue até a instância do consciente de forma mais branda, porém, com alguns traços de ligação com o inconsciente já que os propulsores para a formação dos sonhos são os desejos inconscientes que buscam de qualquer jeito a sua satisfação aos serem expressos. Aqui também é explicado o caráter sobredeterminado dos elementos dos sonhos, o que leva à possibilidade de diferentes interpretações para cada sujeito ao ter em vista que o conteúdo latente é como um curto circuito que leva de uma associação para muitas outras. E, como forma de mostrar um pouco como acontecem as distorções no sonho provocadas pelo trabalho onírico que é possível ao ter acesso ao conteúdo manifesto obtido através de um relato e a análise de alguns de seus fragmentos, que leva à várias ligações com a massa dos pensamentos dos sonhos, haverá dois exemplos dos próprios sonhos de Freud. Para finalizar, ressaltamos os sonhos como um meio de escuta do inconsciente, porque podem dizer o que o sujeito não consegue colocar em palavras sobre o que perpassa a sua vida.

Palavras-chave: sonho; censura; inconsciente; desejos; interpretação; psicanálise.

RESUMEN

Este trabajo presenta una revisión bibliográfica basada, principalmente, en textos freudianos con el objetivo de explicitar la formación de los sueños. Por eso, abordaremos la diferencia del contenido manifiesto del sueño al contenido latente, este por su vez, modificado por el trabajo del sueño para que supere barreras de la censura y llegue hasta la instancia del consciente de manera más blanda, pero, con características del inconsciente, puesto que los propulsores de la formación de estos sueños son los deseos inconscientes que buscan, a toda manera, su satisfacción cuando expresados.

El texto también explicará el carácter sobre determinado de los elementos de los sueños, posibilitando diferentes interpretaciones a cada sujeto, visto que el contenido latente funciona como un circuito que hace conexión a muchos otros. Y, buscando mostrar como ocurren las distorsiones en los sueños provocadas por el trabajo onírico, posible al acceder el contenido manifiesto logrado a través de relatos y análisis de algunos de sus fragmentos, llevando a diversas conexiones con la masa de pensamientos de los sueños, tendremos dos ejemplares de los propios sueños de Freud. En conclusión, resaltamos los sueños como un medio de escucha del inconsciente, puesto que podrían decir todo lo que el sujeto no consigue aclarar en palabras acerca de lo que cruza su vida.

Palabras clave: sueño, censura, inconsciente, deseos, interpretación, psicoanálisis.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
1. O QUE SÃO OS SONHOS	15
1.1. A CONFIGURAÇÃO DO SONHO PELA CENSURA	16
1.2. Trabalho do sonho.....	17
2. INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS.....	28
2.1. REGRESSÃO E DESEJO	29
2.2. Sobredeterminação e Superinterpretação	32
3. EXEMPLOS DE SONHOS E SUA ABORDAGEM POR FREUD	36
3.1. CASO IRMA	36
3.2. O Sonho da Monografia de Botânica.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

INTRODUÇÃO

Quero dar início a essa escrita compartilhando um pouco da minha trajetória universitária para depois chegarmos ao que levou a essa escolha temática.

Comecei a cursar Psicologia no segundo semestre do ano de 2018 na UFF, a minha escolha do curso é muito envolvida pelo interesse de poder cuidar de alguém que possa precisar de alguma ajuda. E sim, percebi que assim como tantas outras profissões a psicologia é um ato de acolher e cuidar do sujeito através da escuta. Essa escuta é para além de ouvir palavras ou histórias que uma pessoa conta, visto que fala muito mais a ser uma escuta diferenciada ou como conhecemos na nossa área, uma escuta flutuante.

Esse ato de escutar e cuidar envolve a totalidade, a complexidade, a constituição subjetiva desse outro que chega para ser atendido. Aquilo que às vezes pode ser tido como insignificante, pode revelar muitos mistérios ou o que talvez ninguém esteve, até o momento, disposto em ouvir.

E como veremos neste trabalho descrito ao longo dessas páginas, os próprios sonhos e a abordagem psicanalítica abordam e se interessam por aquilo que pode ser sem valor ou sem sentido, porque de uma forma ou de outra, tudo tem seu valor ao fazer parte de um sujeito que foi (co)construído dentro do seu meio sócio-histórico-cultural.

Eu realizei todos os estágios denominados na grade curricular como específico, estagiei no Hospital Universitário Antônio Pedro sob a supervisão principal da professora doutora Virginia Dresch e depois fiz o estágio no SPA da UFF com a supervisão da professora doutora Flavia Lana Garcia de Oliveira, minha orientadora neste trabalho de conclusão de curso.

Todo esse processo da prática foi proveitoso em termos de aprendizagem e consecutivamente de experiências. O ambiente de hospital é muito diferente do ambiente da clínica de um consultório psicológico. Todavia, nesse primeiro ambiente é válido pontuar a existência de uma sala onde as estagiárias acolhiam as pacientes. O objetivo desse modelo de prática era acolher e acompanhar pacientes, que em sua maioria eram mulheres, acometidas pelo câncer de mama e assim realizar também um cuidado psicológico.

Digo que não foi fácil todo esse processo, porém foi valioso. Destaco um ponto de um acompanhamento que me fez enxergar o valor de um profissional da área de psicologia no

hospital. Nem todas as pessoas que chegam a essa instituição com alguma enfermidade já passaram por um atendimento psicológico ou mesmo tem alguém para contar. Então, isso mostra o valor da presença viva de um profissional por quem está sendo atendido, e além disso, mostra que somos seres humanos e independente das condições o que importa é passar uma mensagem para o paciente: que o mesmo não está sozinho, mas está sendo escutado.

No meu segundo estágio eu procurei fazer parte da prática clínica sob uma orientação psicanalítica e marco que também não foi uma vivência muito fácil, no entanto, foi muito rica. No SPA podemos receber um público de diferentes idades e lugares, mas a maioria acaba sendo estudantes da UFF de outros cursos. Essa prática clínica é baseada nas entrevistas preliminares que nos dão um suporte investigativo para conhecer os candidatos a paciente, e isso não elimina um efeito terapêutico do qual esse espaço e avaliação podem oferecer ao paciente (FREUD, 1913, p. 03).

A importância dessa aprendizagem só fortificou a ideia das particularidades de cada caso. Não há um método certo a seguir, e sim boas perguntas a serem feitas e dirigidas ao paciente e uma boa escuta do sujeito que chega à clínica com uma bagagem que o constitui – para saber quem é essa pessoa que está presente e como dirigir o seu caso tomando partida da sua estrutura (baseada na hipótese diagnóstica da psicanálise) que diz da forma como o mesmo reage e se posiciona nas exigências da vida (FREUD, 1913, p.02-03)

Quanto a psicanálise, mostro meu interesse por essa abordagem pelo fato dela se basear naquilo que pode ser mais primitivo do seu humano e que conseqüentemente acaba constituindo, modelando e direcionando o mesmo a ser alguém na sociedade. É mesmo que cada um possua uma personalidade única, traz também multiplicidades de seus grandes outros (que podem ser figuras de inspiração, por exemplo) que o direcionam na gerência dos acontecimentos da sua vida (COELHO DOS SANTOS, 2005, p.06-07). A minha experiência no segundo estágio da faculdade também contribuiu para a visualização e entendimento desses funcionamentos estruturais dos sujeitos.

Além disso, é possível fazer acontecer um caminho em conjunto da psicologia com a psicanálise através dessa visão investigativa (que não é um interrogatório), no entanto, é um ato de interesse de saber mais sobre o que a pessoa tem a dizer. Disso, parte-se do dito manifesto para áreas que podem ser mais escondidas, pertencentes ao inconsciente que fazem parte dessa constituição marcada anteriormente.

Aqui se pode fazer uma associação com o que será exposto nessa produção redigida. Assim como na clínica psicanalítica há uma relevância quanto ao contexto de vida que faz parte do indivíduo e, portanto, vai além do seu dito manifesto, do mesmo modo podem ser

trabalhados os sonhos quando trazidos à clínica de atendimento psicológico. Ou seja, de um relato manifesto dos sonhos pode-se chegar a diversos pontos que tocam e pertencem ao inconsciente. Isso segue na direção de não se satisfazer com o que já está posto, mas de ser uma busca com as associações e elaborações que o próprio sujeito consegue construir e trazer daquilo que faz parte da sua vida ou melhor da sua própria história.

Com isso, é possível marcar a importância que os sonhos têm em mostrar partes que até o momento estavam encobertas, que pertencem ao inconsciente, e que por este meio conseguiram expressão. Por isso, os objetivos desta monografia é esclarecer não só a formação dos sonhos, mas também, mostrar como todo esse processo é marcado por configurações da censura que modificam em algumas partes o conteúdo onírico, que possui traços do inconsciente, os tornando acessíveis à consciência. Nisso repercute questões quanto a forma na qual os sonhos são apresentados - mediante uma aparência de ser absurdo ou estranho - no que esse trabalho tende a explicitar. Além de perpassarmos sobre a via interpretativa, que como veremos, em alguns casos é possível realizar interpretações diferentes dentro do contexto de vida do sujeito, enquanto em outros, isso não pode ser algo feito.

Tudo isso se resume no intuito de evidenciar o valor da escuta dos sonhos como uma escuta atenta ao inconsciente. Portanto, essa escrita busca aclarar o fato de que o relato de um sonho não é sem sentido ou descabido, visto que, tem muito a dizer sobre o sujeito, dentro do que o mesmo até então não encontrava formas de contar. Porém, através do relato do sonho isso pode se tornar realizável.

CAPÍTULO 1

1. O que são os sonhos

“Os pensamentos do sonho e o conteúdo do sonho nos são apresentados como duas versões do mesmo assunto em duas linguagens diferentes” (FREUD, 1900, p.189)

Para entender a definição de sonho é preciso esclarecer dois pontos: conteúdo do sonho manifesto e pensamentos do sonho. Como foi dito anteriormente o sonho é uma via de acesso ao inconsciente, isso explica o fato de ser formado por pensamentos dos sonhos que também são conhecidos por conteúdo latente. Este por sua vez é apresentado como elementos que à primeira vista parecem sem sentido quando relatado. Aqui chegamos no conteúdo manifesto, ou seja, é a parte lembrada e contada de um sonho. Ao realizar esse processo de contar depara-se com ideias desconexas que podem ser parte dos pensamentos latentes, diante disso requer de o sonhador simbolizar aquilo que está disperso (GARCIA-ROZA, 2009, p.64).

Quando falamos do sonho nos referimos a pensamentos que se mostram durante o sono, este pode se evidenciar através de imagens que nem sempre são recordadas com exatidão para tentar ilustrar e contar. Os sonhos falam de algo que pode ter sido percebido a partir do processo consciente e que pelo inconsciente retorna com alguns traços de memória, por isso também os sonhos podem se referir a algo vivido no dia anterior ou a um acontecimento recente. Além disso, podem retratar também situações vivenciadas que não foram bem elaboradas pelo indivíduo e que retorna do inconsciente com elementos deformados, sem nexos devido a censura que tenta impedir que esse conteúdo seja conhecido por quem sonha (FREUD, 1900, p.189-190).

De acordo com Freud,

o conteúdo do sonho, por outro lado, é expresso, por assim dizer, numa escrita pictográfica cujos caracteres têm de ser individualmente transpostos para a linguagem dos pensamentos do sonho (1900, p.189).

A partir disso ele traz essa ideia comparando o sonho com um quebra-cabeça, algumas peças podem parecer bagunçadas, sem encaixe até que vai entendendo que imagem todas as peças podem formar. Às vezes ao falar das lembranças do que foi sonhado pode parecer sem encaixe até que se torna possível dar significado ao que estava sem forma através da linguagem, ou melhor, pela transmissão em palavras a outro que escuta. Isso evidencia que: “a única forma

de chegarmos ao seu significado é através das associações feitas pelo paciente, já que apenas ele detém a chave que permite articular o sinal e o sinalizado” (GARCIA-ROZA, 2009, p.74).

1.1 - A configuração do sonho pela censura

Temos então que “o conteúdo manifesto é uma transcrição dos pensamentos oníricos latentes cuja sintaxe é dada pelo Inconsciente” (GARCIA-ROZA, 2009, p.74). Assim, depreendemos que o sonho possui suas duas faces, sendo elas o conteúdo manifesto e o onírico latente. Dificilmente pode-se lembrar do sonho por completo, há apenas algumas recordações que com o passar do tempo ao ser relatado novamente podem sofrer alterações, mas o que de fato se percebe é que existem minúcias no relato do sonho que possuem elementos do conteúdo onírico. Ou seja, através do relato do sonho pode se chegar a algum ponto do inconsciente que veio a advir a partir de uma pequena brecha durante o sono (GARCIA-ROZA, 2009, p.65).

O interessante é que isso não vai se apresentar ao sonhador como algo compreensível de primeira mão ao narrar, pelo contrário, pode se mostrar como ideias absurdas, sem lógica, porque esse é o papel do trabalho do sonho – deformar o conteúdo onírico para não ser insuportável ao Eu (GARCIA-ROZA, 2009, p.63). Em concordância com o que diz Garcia-Roza:

A razão disso reside no fato de o sonho ser sempre uma forma disfarçada de realização de desejos e que nessa medida incide sobre ele uma censura cujo efeito é a deformação onírica (2009, p.63).

Através disso que é relatado como absurdo ou exagerado que se pode encontrar significantes do inconsciente já que pelo processo consciente não é conhecido. Desse modo, é a partir dos significados ou ligações que o sujeito consegue atribuir que é possível tocar partes da linguagem dessa estrutura psíquica. Percebe-se que aquilo que pertence ao inconsciente e logo não é conhecido pelo processo consciente quer vir à tona de algum jeito, porém é barrado. Isso se deve ao fato da grande carga de energia psíquica que pode ser insuportável e daí se extrai o motivo do mesmo se expressar por sintomas ou por sonhos, visto que passa por deformações causadas pela censura: “O único modo desse desejo aparecer, transpor a barreira imposta continuamente pela censura, é de uma forma distorcida, cujo exemplo privilegiado é o sonho manifesto” (GARCIA-ROZA, 2009, p.66). Assim acontece o trabalho do sonho – uma transformação do conteúdo latente para o manifesto.

O referido autor se baseia na exemplificação de Freud sobre a censura dos sonhos a qual é comparada com o que fazem na imprensa. Essa configuração pode operar de dois modos:

primeiro retirando informações que possam ser mais interessantes e conseqüentemente deixa o noticiário com lacunas incompreensíveis; e segundo mexe no texto a ser publicado antes mesmo disso acontecer, fazendo alterações na forma de expressar a publicação podendo alterar seu sentido o deixando com múltiplas facetas. É, pois, assim que semelhantemente a censura dos sonhos opera - “As partes omitidas do sonho ou aquelas que aparecem de forma estranhamente confusa são os indícios de sua ação” (GARCIA-ROZA, 2009, p.66).

1.2 – Trabalho do sonho

Analisaremos como acontece a formação do sonho pela elaboração onírica. Essa atividade que mexe nos pensamentos latentes os distorcendo para ser falado no sonho manifesto são pela via dos seguintes processos: condensação, deslocamento, figuração e elaboração secundária (GARCIA-ROZA, 2009, p.67).

Em primeiro lugar, observamos uma diferença entre os pensamentos do sonho e o conteúdo manifesto. Isto é concernente a dimensão expressa por cada um, já que os primeiros podem ocupar um espaço maior do que o segundo, ou seja, se fosse o caso de descrevê-los em páginas e comparar a ocupação expressa por eles estaria a vista o quanto os pensamentos latentes são mais complexos em informações do que o manifesto, isso se deve ao fato de que o desvendamento se dá pela decifração do conteúdo latente por reunir essas riquezas de detalhes. A interpretação de um sonho manifesto pode ser realizada a partir do acesso simbólico que o sujeito pode atribuir aos elementos do conteúdo do sonho falado, essa simbolização nada mais é que o conjunto de significantes construídos dentro de um laço de convivência seja ela culturalmente ou historicamente. Para não cair numa tradução simplesmente dos símbolos é imprescindível as associações que o sonhador é capaz de fazer, pois são complementares um ao outro para realizar as interpretações dos sonhos (FREUD, 1900, p.15).

O relato a partir do conteúdo manifesto é mais curto e com lacunas do que a partir dos pensamentos latentes. Essa abreviação acontece graças a Condensação que pode operar da seguinte forma: impossibilitando que alguns elementos dos pensamentos do sonho apareçam; e mostrando apenas uma parte de alguns emaranhados referente ao mesmo quando relatado pelo conteúdo manifesto; e mais outra maneira é quando no pensamento latente existem vários elementos que podem ser semelhantes e são reunidos em um só no sonho manifesto (GARCIA-ROZA, 2009, p.67). Só de começo percebe-se a multiplicidade de sentidos que podem advir de um sonho ao indicar um conhecimento que está para além do que é lembrado e dito.

Durante o sono, ao sonhar, parece que o mesmo foi muito longo e às vezes dependendo desse material sonhado o sujeito é tomado de tal de forma que leva ao seu despertar. Possivelmente há mais facilidade de recordar do que sonhou ao acordar, todavia, com o passar do tempo acontece a perda da precisão de alguns detalhes, mas isso não exclui a legitimidade do sonhador e do seu relato. É a partir do ato de descrever um sonho que mais aspectos podem surgir e tocar no conteúdo do inconsciente. Ao saber que alguns elementos oníricos chegam ao conhecimento e outros são perdidos, destaca-se que o que fica conecta com outros pontos dos pensamentos latentes que regem esses mesmos aspectos, ou seja, nada fica totalmente perdido e sem sentido. Conexões importantes podem ser construídas a partir de chaves que abrem múltiplos sentidos ao analisá-las e isso não é restrito, mas é sempre inacabado (sujeito a muitas interpretações). Como diz Freud: “As vias associativas levam de um elemento do sonho para vários pensamentos do sonho e de um pensamento do sonho para vários elementos do sonho” (1900, p.193).

Isso mostra a participação da condensação e até mesmo do deslocamento, pois havendo uma determinação múltipla o que pode acontecer é a ligação com outros pensamentos latentes e pode também dispersar a importância daquilo que realmente o sonho quer mostrar. Como o trabalho do sonho é para dificultar que o desejo do inconsciente apareça tão vivo ao sujeito, ele manipula o conteúdo onírico de modo que estranhamente seja reconhecido no conteúdo manifesto.

É evidente, portanto, que a determinação múltipla deve tornar mais fácil a um elemento impor-se ao conteúdo do sonho. No sentido de reestruturar um elo intermediário dessa natureza, a atenção é deslocada, sem hesitação, daquilo que é realmente pretendido para alguma associação vizinha (FREUD, 1900, p.201).

Destaca-se também outro mecanismo do trabalho do sonho que tem como direcionador a censura, este próximo se define como deslocamento. Essa operação se dá também na forma como um conteúdo do inconsciente poderia se manifestar no conteúdo do sonho, desse modo pode aparecer pela substituição de algo com uma energia psíquica mais forte numa mais distante que faça uma referência ao primeiro só que de forma mais incompleta, rasteira. Outra forma semelhante a isso é passar a importância de um elemento do pensamento latente para outros que possam possuir menos valor. Como afirma Freud: “via-se que os elementos que se destacam como os principais componentes do conteúdo manifesto do sonho estão longe de desempenhar o mesmo papel nos pensamentos do sonho” (1900, p. 207). O trabalho do sonho não mede esforços para disfarçar o que no sonho tem ligação com o inconsciente. E se tratando do trabalho do deslocamento observa-se sua operação através da multiplicidade adotada pelas

representações que aparecem no conteúdo manifesto. Esta característica que alguns elementos possuem no sonho podem ser vistos sem importância, porém não é bem assim, visto que estão ligados em algum ponto em comum ao emaranhado latente. Assim:

As representações mais importantes entre os pensamentos do sonho serão, quase certamente, as que com mais frequência ocorrem neles, uma vez que os diferentes pensamentos oníricos, por assim dizer, delas se irradiarão (FREUD, 1900, p.208).

Tendo em vista essa sobredeterminação que alguns elementos dos sonhos assumem, fica claro o trabalho realizado pela censura – onde os elementos oníricos detentores de alto valor psíquico tem sua intensidade transferida para outros de menor valia e, consecutivamente, conseguem acesso ao conteúdo do sonho (FREUD, 1900, p. 209). Como afirma Freud:

Portanto parece plausível supor que, no trabalho do sonho, está em ação uma força psíquica que, por um lado, despoja os elementos com alto valor psíquico de sua intensidade, e, por outro, por meio da sobredeterminação, cria, a partir de elementos de baixo valor psíquico, novos valores, que depois penetram no conteúdo do sonho (1900, p. 209).

Os processos psíquicos até agora descritos são primordiais para a execução do trabalho do sonho. O deslocamento desenvolve sua ação na distorção com que o conteúdo manifesto se apresenta como uma tentativa de afastar a atenção dos pensamentos latentes envolvidos. Diz Freud:

A consequência do deslocamento é que o conteúdo do sonho não mais se assemelha ao núcleo dos pensamentos do sonho, e que este não apresenta mais do que uma distorção do desejo do sonho que existe no inconsciente (1900, p.209).

Desse modo, “o deslocamento do sonho é um dos principais métodos pelos quais essa distorção é obtida” (FREUD, 1900, p.210). É por meio disso que alguns pensamentos latentes conseguem escapar da censura imposta e se tornar consciente através do relato de um sonho, embora seja de forma disfarçada e às vezes sem muita importância, mas com a sobredeterminação chega-se ao conteúdo latente ligado ao mesmo. São como pontos nodais que se entrecruzam em suas relações com um ponto em comum que podem ser o núcleo dos pensamentos latentes (FREUD, 1900, p. 193, p.210).

Essa primeira investigação leva-nos a concluir que os elementos “botânica” e “monografia” penetraram no conteúdo do sonho porque possuíam inúmeros contatos com a maioria dos pensamentos do sonho, ou seja, porque constituíam “pontos nodais” para os quais convergia um grande número de pensamentos do sonho, porque tinham vários sentidos ligados à interpretação do sonho. A explicação desse fato fundamental também pode ser formulada de outra maneira: cada um dos elementos do conteúdo do sonho revelou ter sido “sobredeterminado” – ter sido representado muitas vezes nos pensamentos do sonho (FREUD, 1900, p.193).

Agora chegamos ao processo conhecido como figuração que também é um dos responsáveis pelo efeito distorcido que aparecem nos sonhos (GARCIA-ROZA, 2009, p. 68). Freud em seu texto sobre A Interpretação dos Sonhos discorre sobre esse mecanismo e percebe as formas como isso é transmitido no plano onírico, e isso acontece ao longo de sua investigação de alguns sonhos. Desse modo, ele vai num momento afirmar algo, todavia páginas a frente Freud refuta a própria ideia ao se basear nas interpretações de sonhos e ver como esse processo aparece – “Afirmei anteriormente [em [1]] que os sonhos não têm meios de expressar a relação de uma contradição, um contrário ou um “não”. Passarei agora a fazer uma primeira negação dessa assertiva” (FREUD, 1900, p. 221). Um destaque se refere ao sonho de um homem que se via carregando uma mulher, ele subia um morro e no início era pesado, mas ao final da subida ficou mais leve. Com as associações desse sonhador, deparou-se com uma ideia contrária ao ligar a descrição do sonho com o que se ligava aos pensamentos do sonho a qual ele associou à uma apresentação teatral.

No interessante sonho do “em cima e embaixo” (em [1]), a representação da subida no sonho foi o inverso do que era em seu protótipo nos pensamentos do sonho – ou seja, na cena introdutória de Safo, de Daudet: no sonho, a subida era difícil no começo, porém mais fácil depois, enquanto que, na cena de Daudet, era fácil no início, porém cada vez mais difícil depois (FREUD, 1900, p. 221).

Desse modo, o próprio autor já deixa registrado que uma possível reconstrução das relações lógicas encobertas pela figuração pode ser descoberta através das interpretações do conteúdo manifesto: “A restauração dos vínculos que o trabalho do sonho destruiu é uma tarefa que tem de ser executada pelo processo interpretativo” (FREUD, 1900, p.211).

Num primeiro momento a figuração opera sobre as relações lógicas que podem dar algum sentido ao sonho, nisso percebe-se que dificilmente o sonho pode pronunciar alguma conjunção que ligue os fatos e essa dinâmica pode ser exemplificada com o termo “ou...ou”. Neste caso, ambas alternativas pronunciadas no sonho precisam ser levadas em consideração, porque mesmo que pareçam sem um conectivo ainda assim pode estar ligado em algum ponto convergente com o núcleo dos pensamentos inconscientes (FREUD, 1900, p.214-215).

Quando a massa inteira desses pensamentos do sonho é submetida à pressão do trabalho do sonho, e quando seus elementos são revolvidos, transformados em fragmentos e aglutinados – quase como uma massa de gelo – surge a questão do que acontece às conexões lógicas que até então formaram sua estrutura (FREUD, 1900, p. 211).

Como diz Garcia-Roza (2009), a figuração transforma um texto de palavras numa ilustração dos pensamentos. Daí parte o que vimos anteriormente, que os sonhos, ao serem

aglutinados e transformados em imagens, podem pronunciar algo original, mas também podem modificar os elementos de maneira a qual o sonhador precisa se dispor na interpretação a fazer possíveis ligações que se associem às traduções do sonho no fio de comunicação do inconsciente.

No que se refere a certas passagens do editorial, essa substituição poderia até ser vantajosa, mas para outras, sobretudo aquelas que fizessem uso de palavras abstratas ou de partes do discurso que implicassem relações, a representação figural seria extremamente difícil e inevitavelmente o significado do texto original apareceria distorcido mesmo que essa intenção não estivesse presente (GARCIA-ROZA, 2009, p.68).

Tratando-se das relações lógicas e suas demonstrações nos sonhos são levados em conta a associação de alguns elementos oníricos que se liguem em algum ponto dos pensamentos latentes, porém isso nem sempre é visto de forma clara. Isso se deve a já referida aglutinação desses elementos que podem se fundir na imagem onírica de uma só pessoa ou de uma situação específica, por exemplo, a partir de alguns traços dos mesmos abre-se caminho para as associações com o conteúdo inconsciente que até então estava escondido por trás de imagens desconexas. Cita Freud: “Do mesmo modo, as colocações nos sonhos não consistem em partes fortuitas e desconexas do material onírico, mas em partes que são mais ou menos estreitamente ligadas também nos pensamentos do sonho” (FREUD, 1900, p.213).

Quando nos sonhos há a representação de alguma pessoa – esse processo pode se dar por identificação ou composição – a primeira acontece quando uma pessoa aparece no conteúdo manifesto, contudo esta possui características comuns que podem se ligar a outras pessoas que não foram representadas individualmente no sonho. Já a composição se difere por não ter ligações comuns entre as pessoas e conseqüentemente forma uma nova figura composta, pois uni traços de pessoas diferentes podendo formar outra imagem (FREUD, 1900, p. 217).

É possível ver algo em comum em todos os processos do sonho até agora visto. Tanto a condensação, o deslocamento e a representação tentam fazer o conteúdo latente escapar a censura e se mostrar sob outro aspecto mais disfarçado e ligado a outro ponto comum que se ligue ao centro do inconsciente. Na representação ao acontecer, por exemplo, com pessoas – a identificação ou composição – possibilita que algo dos pensamentos latentes não apareça diretamente, mas sim com traços comuns que possa se apresentar de outra forma mais acessível nos sonhos (FREUD, 1900, p. 218).

É também fácil ver o quanto esse método de representação por meio da identificação pode servir bem para se fugir à censura causada pela resistência, que impõe condições tão severas ao trabalho do sonho. Aquilo a que a censura faz objeção pode estar precisamente em certas representações que, no material dos pensamentos do sonho,

estão ligadas a uma pessoa específica; assim, passo a procurar uma segunda pessoa que também esteja ligada ao material objetável, mas apenas a uma parte dele. O contato entre as duas pessoas nesse aspecto censurável justifica então minha construção de uma figura composta caracterizada por traços irrelevantes oriundo de ambas. Essa figura, obtida por identificação ou por composição, fica então admissível ao conteúdo do sonho, sem censura, e assim, utilizando a condensação do sonho, atendi às reivindicações da censura onírica (FREUD, 1900, p.218).

Daremos uma continuidade que pode envolver uma relação da figuração com outra parte escrita por Freud a qual é denominada “Consideração à representabilidade” (1900, p. 04). Todavia, esta é como uma continuidade com alguns outros detalhamentos que podem aparecer na figuração, porque Freud em seu texto já aqui mencionado se refere a esses dois processos como parte do deslocamento que opera sobre as relações lógicas dos pensamentos do sonho – transformando as pictoricamente e verbalmente (FREUD, 1900, p. 04). Ela opera dessa forma para cooperar tanto com a representabilidade como também com a condensação e censura, os mesmos em conjunto possibilitam tanto a estranheza do conteúdo apresentado pelo sonho como também para tentar deixar mais difícil o entendimento do mesmo, pois é uma transformação das ideias abstratas (intocáveis) do inconsciente em algo concreto que possa ter relação com a realidade (FREUD, 1900, p. 03; GARCIA-ROZA, 2009, p. 68). Desse modo, o conteúdo tem acesso ao consciente, porquanto não apresentou o conteúdo onírico “puro”, mas com essas alterações teve passagem livre ao estar ligado em alguns pontos que fazem o curto-circuito com as conexões do inconsciente (FREUD, 1900, p. 191).

Seguimos então, com um exemplo dessa representação verbal a qual os sonhos são submetidos. Freud enuncia que:

Não há por que nos surpreendermos com o papel desempenhado pelas palavras na formação dos sonhos. As palavras, por serem o ponto nodal de numerosas representações, podem ser consideradas como predestinadas à ambiguidade; (1900, p.04).

Isso ao mesmo tempo contribui para a condensação onírica ao esconder por trás de alguma expressão verbal várias ligações com os pensamentos latentes que regem essa sobredeterminação das palavras, e outra para a distorção que promove certa dificuldade em entender o que o sonho quer dizer – com a ambiguidade que estas palavras apresentam o que dificulta uma definição certa, pois desliza sobre vários sentidos que possam fazer para o sujeito (FREUD, 1900, p. 04).

Dando prosseguimento sobre a representabilidade, é possível perceber a ambiguidade não só verbalmente, mas também nas imagens que é uma forma usual das representações dos sonhos serem apresentadas com mais facilidade para passar pela censura. Daí se estabelece uma relação com a figuração e a consideração à representabilidade na transformação do conteúdo

onírico que é abstrato em uma linguagem pictórica que seja concreta e passível a identificações e associações que conscientemente parecem ideias absurdas. Porém, essa forma se faz acessível disfarçadamente para estabelecer ligações com as ideias inconscientes (FREUD, 1900, p.03).

Dentre os vários pensamentos acessórios ligados aos pensamentos oníricos essenciais, dá-se preferência àqueles que admitem representação visual; e o trabalho do sonho não se furta ao esforço de remodelar pensamentos inadaptáveis numa nova forma verbal – mesmo numa que seja menos usual –, contanto que esse processo facilite a representação e, desse modo, alivie a pressão psicológica causada pela constrição da ação de pensar (FREUD, 1900, p.06).

Em ambas as formas de apresentação, mas principalmente pela demonstração pictórica que pode ser muito representada por símbolos já associados ao inconsciente que podem remontar aos usos comumente conhecidos dentro de uma cultura ou usual de algumas linguagens da sociedade, no entanto, há outros que não podem ser levados ao “pé da letra” e precisam ser tratados dentro do que o clínico e o sujeito conseguem abstrair (FREUD, 1900, p.07).

Só no caso de alguns temas emergiu um simbolismo onírico universalmente válido, com base em alusões e substitutos verbais genericamente conhecidos. Além disso, boa parte desse simbolismo é partilhada pelos sonhos com as psiconeuroses, as lendas e os usos populares (FREUD, 1900, p.07).

Freud relata ainda o preguiçoso trabalho do sonho ao fazer uso de alguns desses simbolismos já culturalmente difundidos e usados para que de alguma maneira acessível da linguagem transmita alguma mensagem vinculada ao inconsciente (FREUD, 1900, p.07). Dentro disso, ele associa o método de representação dos símbolos que também se revestem de um tom sexual que envolve muito além desse termo ao tocar nos primórdios da construção do sujeito no laço familiar com o mundo lá fora, ou seja, um lado sexual psicanalítico que envolve a constituição de um sujeito para se a ver com as situações da vida (GARCIA-ROZA, 2009, p.62). Entretanto, vemos que alguns dos exemplos que ele traz de como o sexual pode ser representado nos sonhos podem ser através de símbolos diferentes que para além de outros podem envolver a arquitetura de uma casa ou até com a culinária como ele cita (FREUD, 1900, p.08):

Os detalhes mais repulsivos e também os mais íntimos da vida sexual podem ser pensados e sonhados em alusões aparentemente inocentes a atividades culinárias; e os sintomas da histeria jamais poderiam ser interpretados se nos esquecêssemos de que o simbolismo sexual pode encontrar seu melhor esconderijo por trás do que é corriqueiro e inconspícuo (FREUD, 1900, p.08).

Freud ressalta ainda que, o simbolismo nos sonhos não pode ser tomado como bem lhes parece, porque ao estar presente oniricamente quer dizer que possui algum vínculo inconsciente. Por isso, é importante uma análise conjunta do que um símbolo é dentro de uma sociedade de tal sujeito e do que representa no contexto dos sonhos para o mesmo, que podem durante uma análise aparecer como novas ligações, embora já existentes e que foram acesas durante esse processo de interpretação feita entre o clínico e o analisando (FREUD, 1900, p.191, p.05).

Tudo leva à mesma conclusão, a saber, que não há necessidade de se presumir a operação de qualquer atividade simbolizadora peculiar da mente no trabalho do sonho, mas sim que os sonhos se servem de quaisquer simbolizações que já estejam presentes no pensamento inconsciente, por se ajustarem melhor aos requisitos da formação do sonho, em virtude de sua representabilidade, e também, em geral, por escaparem da censura (FREUD, 1900. p.09).

Temos por último a participação da elaboração secundária, como diz Garcia-Roza, esta se define em sua função de tornar o sonho inteligível ou talvez pronunciável pelo sujeito ao tomar proveito de aspectos ou fantasias diurnas. Ou seja, elementos que advém e façam parte da vida de vigília da pessoa (GARCIA-ROZA, 2009, p.69). Percebe-se também que uma das formas da censura operar por esse trabalho secundário é de fazer um valor de juízo ou distinção dentro do próprio sonho ao transmitir o seguinte: “isto é apenas um sonho” (FREUD, 1900, p.102). Confere-se então uma associação da elaboração secundária a vida de vigília – ao tentar apaziguar conteúdos do sonho que podem por vezes deixar o sonhador com um sentimento estremeceador (FREUD, 1900, p.102).

Temos aí uma verdadeira crítica ao sonho, tal como se poderia fazer na vida de vigília. Com bastante frequência, ademais, ela é de fato o prelúdio do despertar; e com frequência ainda maior, é precedida por algum sentimento aflitivo que se tranquiliza ante o reconhecimento de que se trata de um estado de sonho (FREUD, 1900, p.102).

Esse emprego da censura faz uso de agregadores ou acréscimos que podem ser conhecidos pelo sujeito ou que também podem ser criados pela mesma, porém ocorrendo ou não essa criação de pensamentos que constituem o conteúdo do sonho. Eles continuam fazendo seu papel nessa modificação até agora explícita dos pensamentos oníricos em conteúdo manifesto. Desse modo, ao usar desses artifícios não deixam de fazer alusão a alguma parte do conteúdo latente (FREUD, 1900, p. 103). Como afirma Freud:

[...] grosso modo, os pensamentos agregadores reconduzem, mesmo assim, a algum material nos pensamentos oníricos, mas a um material que não poderia reivindicar aceitação no sonho, nem por seu próprio valor, nem por ser sobredeterminado.

Somente em casos extremos, ao que parece, é que a função psíquica de formação de sonhos que ora estamos examinando passa a fazer novas criações. Tanto quanto possível, ela emprega qualquer coisa apropriada que possa encontrar no material dos pensamentos oníricos (1900, p.103).

Respaldamos anteriormente que essa elaboração tem por finalidade preencher algumas lacunas do sonho de alguma forma que conecte o seu conteúdo e o torne inteligível (FREUD, 1900, p. 103). Fazendo assim, ela retira um pouco da absurdidade apresentada em alguns fragmentos dos sonhos, no entanto, não quer dizer que esse trabalho atue sempre perfeitamente. Dito isso, pode haver muito da participação deste com seu trabalho sobre o sonho que o torne racionalmente entendido até por ter muitas semelhanças ao pensamento de vigília e assim achar ter encontrado facilmente uma interpretação – o que não exclui outros sentidos ocultos a serem analisados. Há também chances de em parte ter conseguido fazer sua mudança e dentro de primeira vista conseguir assimilar sua atividade, mas depois não consegue prosseguir diante de partes que continuam confusas e só então posteriormente, talvez, alcance uma assimilação mais coerente ao que foi representado. Embora também haja a possibilidade desse trabalho não ter alcançado êxito, nisso se encaixa um conteúdo sem forma, fragmentado que fica confuso para o sujeito tentar abstrair algum sentido (FREUD, 1900, p.103-104).

A configuração feita pela elaboração pode ser sobre um sonho já pronto, quando por exemplo usa um sonho diurno (assemelhando-se a uma fantasia – ao que se espera por trás de alguma ideia). Desse modo, a mesma introduz sobre o conteúdo do sonho esse desejo fantasioso que durante a vida de vigília não foi realizado ou usufruído do que já está na parte latente, ou seja, recalcado e o apresenta em parte. Assim, é visto de forma completa ou apenas em partes ao ter satisfeito a censura, pois desse jeito a fantasia demonstrada num sonho vai estar encobrendo o que pode estar efetivamente sendo descarregado ou tendo seu lugar neste conteúdo manipulado do mesmo que esteja associado com alguma expressão do inconsciente (FREUD, 1900, p.105).

Afora isso, tais fantasias, como qualquer outro componente dos pensamentos oníricos, são comprimidas, condensadas, superpostas umas às outras e assim por diante. Há, todavia, casos transicionais, desde o caso em que elas constituem, inalteradas, o conteúdo (ou pelo menos a fachada) do sonho, e o extremo oposto, em que são representadas no conteúdo do sonho apenas por um de seus elementos ou por uma alusão distante. O que acontece às fantasias presentes nos pensamentos oníricos é também, evidentemente, determinado por quaisquer vantagens que elas tenham a oferecer aos requisitos da censura e à exigência de condensação (FREUD, 1900, p. 105).

Freud, em seu texto, exemplifica um caso no qual parte de uma fantasia foi representada no sonho de um jovem rapaz em que implicava com um dos receios dele de viver um prazer pela vida de casado. Isso constitui basicamente no seguinte relato: ele estava junto de amigos

numa mesa de restaurante, até que umas pessoas surgiram para o tirar desse meio e uma delas como se fosse prendê-lo, ao passo que ele dizia aos amigos que voltaria, porém os mesmos zombavam dele dizendo que “já se foi mais um”. O lugar para onde foi levado tinha uma mulher sentada com uma criança no colo e um funcionário repetia o nome dele mais de uma vez e o fez uma pergunta no qual o rapaz respondeu “sim”. No que tudo indica desta interpretação feita pelo autor referenciado – ali estava o menino homem se vendo na fantasia de se casar que se batia de frente a fantasia de prisão ou perda de sua liberdade (FREUD, 1900, p.106-107).

Não há aqui nenhuma dificuldade em separar os dois componentes. O superficial era uma fantasia de prisão, que parece como recém-construída pelo trabalho do sonho. Mas, por trás dele, é visível um material que foi apenas ligeiramente remodelado pelo trabalho do sonho: uma fantasia de casamento (FREUD, 1900, p.106).

Aqui é possível novamente estabelecer o trabalho em comum exercido por esses processos até agora explicitados, mas principalmente entre a figuração (ou consideração a representatividade) e a elaboração secundária no que diz respeito a elas em produzir certa coerência do conteúdo do sonho ao camuflar algum feixe latente do inconsciente agora representado no sonho. Vemos isso acontecer com base nesta citação (FREUD, 1900, p.109).

É próprio de nosso pensamento de vigília estabelecer ordem nesse material, nele estruturar relações e fazê-lo conformar-se a nossas expectativas de um todo inteligível. [Ver em [1] e [2].] A rigor, chegamos a nos exceder nisso. Os adeptos da prestidigitação conseguem iludir-nos por confiarem nesse nosso hábito intelectual. Em nosso empenho de criar um padrão inteligível com impressões sensoriais que são oferecidas, muitas vezes incidimos nos mais estranhos erros, ou até falseamos a verdade do material que nos é apresentado (FREUD, 1900, p.109-110).

E assim também, cabe pontuar que a presença e concomitantemente a participação produtiva do pensamento normal nos sonhos (na parte da elaboração secundária) é o que torna pelo menos a fachada da frente inteligível e até capaz de mostrar uma possível ou provisória interpretação dos sonhos, mas ao mesmo tempo que parece revelar algo pode também complicar ao não mostrar as coisas tão claras assim. Logo,

Para fins de nossa interpretação, persiste como regra essencial desconsiderar invariavelmente a aparente continuidade de um sonho como sendo de origem suspeita, e percorrer o mesmo caminho de volta ao material dos pensamentos oníricos, quer o sonho em si seja claro ou confuso (FREUD, 1900, p.110).

Observamos, ao longo desses processos que tomam parte no trabalho dos sonhos, que eles conferem uma nova forma aos pensamentos oníricos, que devido a censura precisam ser modificados para acessarem a consciência em forma de sonhos. Ao atenderem a regulação crítica da censura, esses pensamentos latentes não deixam de expressar alguma parte de seus

sentidos nas formas que passam a assumir e assim serem ligados aos fragmentos que são ditos no conteúdo manifesto dos sonhos (FREUD, 1900, p.114). Conclui-se pelo seguinte dito de Freud:

O trabalho do sonho não é apenas mais descuidado, mais irracional, mais esquecido e mais incompleto do que o pensamento de vigília; é inteiramente diferente deste em termos qualitativos e, por essa razão, não é, em princípio, comparável com ele. Não pensa, não calcula e nem julga de nenhum modo; restringe-se a dar às coisas uma nova forma. É exhaustivamente descritível mediante a enumeração das condições que tem de satisfazer ao produzir seu resultado (1900, p.114).

CAPÍTULO 2

2 Interpretação dos sonhos

No capítulo anterior observamos como os sonhos são regidos pelo inconsciente e devido a isso a censura opera sobre seus elementos tornando-os acessíveis à consciência sob outras formas mais disfarçadas. Assim, se apresentam no relato do sonho manifesto. Agora para entender um pouco melhor o que alguns desses elementos estranhamente percebidos e relatados conscientemente produz de sentidos é pela via interpretativa (GARCIA-ROZA, 2009, p.63). Esta leva em conta o relato do sonho e junto do sonhador, o intérprete – analista – percorre o caminho de produção de sentidos ao conhecer como opera o trabalho do sonho feito pela condensação, deslocamento, figuração e elaboração secundária, ou seja, leva em conta também associações que o sonhador pode dar aos significantes expostos para chegar ao conteúdo latente – inconsciente (GARCIA-ROZA, 2009, p.63-64).

O trabalho que transforma os pensamentos latentes em conteúdo manifesto, impondo-lhes uma distorção que os torna inacessíveis ao sonhador, é o que Freud chama de elaboração onírica; e o trabalho inverso, que procura chegar ao conteúdo latente partindo do manifesto que visa decifrar a elaboração onírica, é o trabalho de interpretação (GARCIA-ROZA, 2009, p.66).

Percebe-se uma pluralidade de sentidos que os sonhos podem trazer com seus elementos quando analisados junto ao sujeito sonhador. Eis aí o trabalho incansável do sonho de dificultar o entendimento do conteúdo relatado que por algumas vezes são representados também pelos símbolos, pois, como afirma Freud: “[...], é preciso confessar, ainda assim, que a presença de símbolos nos sonhos não só facilita sua interpretação como também a torna mais difícil” (FREUD, 1900, p.11). Exatamente como vimos anteriormente, os símbolos não dão a interpretação de logo pronta, na maioria dos casos, se faz necessário esse trabalho conjunto – do que o mesmo representa e do que advém com as associações do sonhador (que também pode incluir o analista) – tendo em vista que os símbolos também podem ser encobridores de sentidos (FREUD, 1900, p.11). A sua presença pode estar representando muitos elementos que estão ligados ao núcleo latente e que, por um modo mais acessível de ser representado, passou pela censura e se apresentou assim como um símbolo contendo várias facetas (FREUD, 1900, p.11).

Ao mesmo tempo, contudo, gostaria de externar uma advertência categórica contra a supervalorização da importância dos símbolos na interpretação dos sonhos, contra a restrição do trabalho de traduzir os sonhos a uma simples tradução de símbolos, e

contra o abandono da técnica de utilização das associações do sonhador (FREUD, 1900, p.15-16).

Diante disso, vemos que a interpretação é para além de entender os significados das representações pictóricas recordadas de um sonho (FREUD, 1900, p.189; GARCIA-ROZA, 2009, p.64). Muito mais que isso, a decifração acontece através da linguagem – que envolve muito mais que transcrição em palavras, diz também de uma forma de um sujeito se expressar levando em conta o seu contexto de vida. Por isso também, Garcia-Roza releva o processo interpretativo a partir dos relatos (de como o sonho é contado), valorizando as associações que o sujeito consegue atribuir ao seu relato e quando necessário o próprio intérprete traz à vista enunciados que até o momento o sujeito não conseguia acessar, porém através do sonho conseguiu expressar algo vinculado ao inconsciente (GARCIA-ROZA, 2009, p.64; COELHO DOS SANTOS, 2005, p.01). Como diz Garcia-Roza: “O trabalho de interpretação é realizado ao nível da linguagem e não ao nível das imagens oníricas recordadas pelo paciente” (2009, p.64).

2.1 – Regressão e Desejo

Até aqui acompanhamos o processo de progressão nos sonhos para serem acessados pela consciência no qual se dá através das novas formas assumidas pelos pensamentos latentes ao serem distorcidos e assim relatados no conteúdo manifesto. Agora, para se referir a interpretação, esse processo assume inversamente sua direção no que equivale a dizer sobre a regressão (GARCIA-ROZA, 2009, p.66-67).

É verdade que, ao fazermos a interpretação no estado de vigília, seguimos um caminho que retrocede dos elementos do sonho para os pensamentos oníricos, e que o trabalho do sonho seguira um rumo inverso. Mas é altamente improvável que esses caminhos sejam transitáveis em ambos os sentidos (FREUD, 1900, p.129).

Esse fenômeno regressivo assumido pelos sonhos é como um retorno ao conteúdo original pertencente ao inconsciente do qual o manifesto se derivou através da linguagem. Quando pela linguagem o relato do sonho é transmitido, percebe-se que novas ligações podem ser feitas e não quer dizer que sejam exclusivamente a matéria-prima (original) do inconsciente, mas sim a sua nova forma arranjada pelo trabalho do sonho. Isso acontece, por exemplo, quando pela via interpretativa os resquícios dos sonhos são trazidos na vida de vigília e com associações que podem parecer sem sentido ou sem valor, porém é aí que está o valor das ligações mais profundas do conteúdo onírico oculto (FREUD, 1900, p.119, p.129, p.150).

Ao contrário, parece que, durante o dia, enveredamos por novas cadeias de pensamentos e que essas veredas estabelecem contato com os pensamentos intermediários e com os pensamentos oníricos ora num ponto, ora noutra (FREUD, 1900, p.129).

Sob certa medida, o sonho se dá por ele não atrapalhar o sono. Aqui também se vê o motivo de tanta distorção para que os pensamentos latentes escapem ao passarem pela censura. Visto que, durante o sono essa censura se mantém em atividade, porém com uma resistência mais baixa, assim possibilita a transição de alguns elementos inconscientes modificados que possam chegar à consciência preservando o sono na maioria dos casos. Ao despertar – na vida de vigília – pode ter o aumento dessa resistência que até o momento operou mansamente, por isso pode acontecer dela se manifestar no esquecimento dos sonhos (FREUD, 1900, p.125-126).

Mas somos levados a supor que seu poder fique diminuído à noite e que isso possibilite a formação dos sonhos. Fica então fácil compreender como, depois de recuperar a plenitude de sua força no momento do despertar, ela passa imediatamente a se livrar daquilo que foi obrigada a permitir enquanto enfraquecida (FREUD, 1900, p.126).

Nisso, portanto, observa-se que pela instância inconsciente que o sonho contribui com a realização de desejos, porque esse é o motor propulsivo que carrega alguma ideia de lá para ser descarregado (satisfeito) ao penetrar no conteúdo do sonho. Já pelo outro lado, há também a feitura do desejo do Ego de descansar, quando em sua vida noturna tem o sono preservado. Ou seja, é como se houvesse um acordo entre essas instâncias psíquicas para que ninguém saia perdendo (FREUD, 1900, p.154-155, p.160).

Enquanto o desejo do Ics, consegue encontrar expressão no sonho, depois de sofrer toda sorte de distorções, o sistema dominante se recolhe num desejo de dormir, realiza esse desejo promovendo as modificações que consegue produzir nas catexias no interior do aparelho psíquico, e persiste nesse desejo por toda a duração do sono (FREUD, 1900, p.154).

Sigmund Freud nos retrata um exemplo a partir de um sonho que perpassa superficialmente sobre realizações de desejos. Diz respeito a um homem que acompanhava seu filho detido por uma enfermidade o qual veio a falecer. Num momento houve a presença de outra pessoa que vigiaria o corpo do falecido para que o pai repousasse. Outro detalhe: em volta do corpo tinham velas acesas. Aqui entra a parte do sonho: o pai sonhara que seu filho o chamava e sussurrava ajuda com a expressão – “Pai, não vêes que estou queimando?” (FREUD,

1900, p.115). Após seu despertar o pai viu que realmente o ancião havia dormido e um braço do seu filho morto fora atingido pelo fogo da vela que caiu (FREUD, 1900, p.115).

Diante dessa exemplificação, é possível enxergar mesmo que com pouca interpretação dada ao mesmo que houve realizações dos seguintes desejos. Por parte do inconsciente que se expressou no desejo do pai enquanto sonhava de ter o filho vivo por um momento, e por parte do pré-consciente de continuar dormindo mais um pouco por ter tido aquela oportunidade de sono (FREUD, 1900, p.116, p.154-155).

Mas podemos presumir que outra força impulsora na produção do sonho foi a necessidade que tinha o pai de dormir; seu sono, tal como a vida do filho, foi prolongado por um momento pelo sonho. “Deixe o sonho prosseguir” – foi essa sua motivação – “ou terei de acordar”. Em todos os outros sonhos, tal como neste, o desejo de dormir oferece apoio ao desejo inconsciente (FREUD, 1900, p.154-155).

Vemos que um desejo é realizado num sonho quando, resumidamente, este pode estar associado a alguma preocupação que durante a vida diurna não foi solucionada ou a algo que durante o dia não foi bem elaborado/aceito e conseqüentemente foi reprimido ou a algo inconsciente mesmo – se tratando dos desejos infantis (divisões do sujeito frente às exigências da vida). Dessa forma, quando entram em ação os processos do trabalho do sonho, de algum jeito eles conseguem apoio em algum elemento do sonho e passa esse traço ligado ao desejo inconsciente (FREUD, 1900, p.141-143).

Do inconsciente, bem entendido. É minha suposição que um desejo consciente só consegue tornar-se instigador do sonho quando logra despertar um desejo inconsciente do mesmo teor e dele obter reforço. Segundo indicações provenientes da psicanálise das neuroses, considero que esses desejos inconscientes estão sempre em estado de alerta, prontos a qualquer momento para buscar o meio de se expressarem quando surge a oportunidade de se aliarem a uma moção do consciente e transferirem sua grande intensidade para a intensidade menor desta última (FREUD, 1900, p.143).

Freud apresenta a lógica do aparelho psíquico sem dar forma anatômica ao mesmo, apenas como uma demonstração da transitividade com que os elementos psíquicos percorrem progressivamente (FREUD, 1900, p.132, p.136) para assim chegarem à consciência mais brandamente [ao ter em vista que durante o dia a resistência censora é maior] (FREUD, 1900, p.125-126, p.135).

Assim, esses aspectos psíquicos passam pelo sistema perceptivo – que não armazena dados – e passam pelas etapas que armazenam alguns traços mnêmicos até chegar ao pré-consciente que funciona como uma tela protetiva do consciente – este fica na extremidade motora do aparelho (FREUD, 1900, p.133-135).

Levando isso em consideração, é cabível dizer que no trabalho do sonho – dentro das configurações que realizam eles se adequam ao sensor crítico do pré-consciente para serem conhecidos no sistema consciente (FREUD, 1900, p.136). Agora, quando vemos que alguns sonhos possuem um efeito alucinatório – de uma revivescência de algumas lembranças – então, acontece a direção inversa chamada regressão (FREUD, 1900, p.136, p.156).

[...]; que o sonhar é, em seu conjunto, um exemplo de regressão à condição mais primitiva do sonhador, uma revivescência de sua infância, das moções pulsionais que a dominaram e dos métodos de expressão de que ele dispunha nessa época (FREUD, 1900, p.140).

Como vimos anteriormente, o desejo do inconsciente tem algo a ver com essas experiências infantis que falam sobre o sujeito mediante sua posição nas circunstâncias advindas da vida e sua herdade geracional (FREUD, 1900, p.140-143). E assim como os elementos latentes tomam expressão disfarçada em restos diurnos nos sonhos (FREUD, 1900, p.144, p.150), assim também uma lembrança recente ao ser revivida num sonho com traços tão vivos podem estar ligados e remeter a algum traço dessa memória mais antiga – infantil – de algo que foi reprimido ou simplesmente pertencente ao inconsciente do qual no momento o sujeito não se dava conta. E dessa maneira, mesmo que ligado ao inconsciente, tem sua forma também modificada e conseqüentemente acontece uma transferência de seu valor psíquico para um elemento mais brando que seja aceito pela consciência, o qual agora pode ter sua expressão (FREUD, 1900, p.129, p.138, p.149).

[...], também nos sonhos, a transformação dos pensamentos em imagens visuais seja, em parte, resultante da atração que as lembranças expressas sob forma visual e ávidas de uma revivescência exercem sobre os pensamentos desligados da consciência e que lutam por encontrar expressão. Desse ponto de vista, o sonho poderia ser descrito como substituto de uma cena infantil, modificada por transferir-se para uma experiência recente (FREUD, 1900, p.138).

2.2 – Sobredeterminação e Superinterpretação

Tomando toda essa investigação é perceptível a camuflagem que é vista nos sonhos ao observar o tanto de associações que deles advêm contida no conjunto até aqui descrito: distorção dos elementos pela censura, uma percepção viva de um sonho e do desejo inconsciente buscando vias de se expressar (FREUD, 1900, p.143, p.156-157). Tudo isso reflete numa das manifestações do inconsciente para além de ser vista nos sintomas ser aqui realizada nos sonhos (FREUD, 1900, p.153).

Mas há razões para continuarmos um pouco em nossa apreciação do desejo como a única força impulsora psíquica para a formação dos sonhos. Aceitamos a ideia de que a razão por que os sonhos são invariavelmente realizações de desejos é que eles são produtos do sistema Ics., cuja atividade não conhece outro objetivo senão a realização de desejos e não tem sob seu comando outras forças senão as moções de desejo (FREUD, 1900, p.153)

Para adentrar no assunto a ser aqui descrito, é cabível ainda mostrar um ponto que caracteriza o que parte do inconsciente – ele é sobredeterminado. Logo, não adianta basear a manifestação de um sintoma ou construção de um sonho num só causador, porquanto são múltiplos os fatores que se tocam e desembocam na realização destes (GARCIA-ROZA, 2009, p.69-70).

Por isso também destacamos até aqui a participação dos desejos mais primitivos (infantis) em busca de serem satisfeitos, pois estes sendo pertencentes ao sistema inconsciente foram reprimidos e lançam chances de aparecerem sejam nos sintomas neuróticos, por exemplo, sejam nos sonhos (FREUD, 1900, p.149, p.152). E como se refere Freud a respeito desta instância psicológica: “No inconsciente, nada pode ser encerrado, nada é passado ou está esquecido (1900, p.159).

O que deriva dele diz muito da constituição do sujeito gerado dentro de um laço familiar e cultural e não muito distante disso fala também dos acontecimentos traumáticos que podem vir da própria infância também – onde geralmente a criança em vias de se tornar um sujeito no mundo precisa achar seu lugar neste, precisa ver que não é tudo para o Outro já que existem limites na vida a serem respeitados (GARCIA-ROZA, 2009, p.70).

Nessa época, ele já afirmava que a gênese das neuroses é sobredeterminada, isto é, que vários fatores devem convergir para a sua formação. Essa multiplicidade de fatores pertencia a duas ordens distintas: uma que se referia às predisposições constitucionais, e outra que dizia respeito à pluralidade dos acontecimentos traumáticos (GARCIA-ROZA, 2009, p.70)

Partindo da direção deste trabalho sobre os sonhos e suas interpretações, vê-se que ambos estão interligados já “que não há sentido sem interpretação” e os sonhos são dotados de sentido, dessa forma igualmente “não há interpretação sem sentido”, porque em parte ela pode tocar no que diz respeito ao sujeito e sua linguagem histórica (GARCIA-ROZA, 2009, p.71). Há a importância de mencionar que esses sentidos podem ser múltiplos como foi dito anteriormente o que leva a ter muitas interpretações de apenas um sonho ou como é denominado: superinterpretação (GARCIA-ROZA, 2009, p.70).

Desde o início ao explorar os processos da elaboração onírica, percebia-se as sutilezas dos traços latentes que teciam os elementos para que através desses conseguissem passar o

obstáculo censor e a cada processo que os elementos dos sonhos e mais detidamente os latentes eram submetidos mais se deparava com a sobredeterminação a que estavam sujeitos a adquirir (FREUD, 1900, p.192-193).

As vias associativas levam de um elemento do sonho para vários pensamentos do sonho e de um pensamento do sonho para vários elementos do sonho. [...] No caso de todos os sonhos que submeti a uma análise dessa natureza, encontrei invariavelmente confirmados estes mesmos princípios fundamentais: os elementos do sonho são construídos a partir de toda a massa de pensamentos do sonho e cada um desses elementos mostra ter sido multiplamente determinado em relação aos pensamentos do sonho (FREUD, 1900, p.193).

Desse modo, é possível ver que cada elemento participante do conteúdo onírico teve força o suficiente para estar ali, ou melhor, para escapar da censura e claro abrigando várias ligações do conteúdo latente que podem se mostrar cada vez mais múltiplas ao ter em vista que esses elementos representados nos sonhos não possuem limites, não são isolados antes são organizados pela massa dos pensamentos do sonho (FREUD, 1900, p.193).

Isso pode ser contemplado na condensação e deslocamento ao transferir uma intensidade maior pertencente ao Inc. para um elemento de valor subestimado (FREUD, 1900, p.128-129, p.209; GARCIA-ROZA, 2009, p.69). E também no caso da figuração que pode retirar as conexões de conjunção que dão sentido às frases ao representa-las por imagens que podem ser encobridoras de sentidos ou ao representarem uma ambiguidade com as palavras e ainda dando continuidade a todas essas configurações, tem a elaboração secundária que tenta disfarçar toda essa distorção numa junção como se fosse uma história para ser contada (FREUD, 1900, p.03-04, p.103; GARCIA-ROZA, 2009, p.68).

Tudo isso mostra a pluralidade assumida pelo inconsciente que teve participação em alguns pormenores dos sonhos ao mostrar que um ínfimo elemento está associado a um emaranhado latente e que dele se bifurcam muitos outros pontos nodais que se ligam e convergem no núcleo patógeno de onde nasce os desejos já descritos (FREUD, 1900, p.191-192, p.129).

O lado tomado pelas superinterpretações não se distancia muito do que foi escrito anteriormente quanto a sobredeterminação dos quais os elementos dos sonhos estão sujeitos, principalmente com relação ao fato de haverem múltiplas interpretações de um sonho. Isso pode ser baseado, por exemplo, quando num certo contexto partes de um conteúdo sonhado recebem algumas associações, porém, o mesmo sonho ao ser recontado noutra período pode se apresentar diferente dentro de um novo contexto pelo qual o sonhador consegue fazer outras

associações ao mesmo no momento – o que leva a novas cadeias associativas (FREUD, 1900, p.12; GARCIA-ROZA, 2009, p.71).

É que um mesmo sonho pode ter também outra interpretação, uma “superinterpretação” que lhe escapou. De fato, não é fácil ter uma concepção da abundância das cadeias inconscientes de pensamento ativas em nosso psiquismo, todas lutando por encontrar expressão (FREUD, 1900, p.124).

Essa característica diz novamente sobre o que pertence ao inconsciente e que marca sua presença – quanto a multiplicidade de sentidos que ele sustenta (GARCIA-ROZA, 2009, p.70; FREUD, 1900, p.190-191). E não quer dizer que as interpretações de um sonho são falsas, não (GARCIA-ROZA, 2009, p.70). Porque essas podem ter um lugar verídico dentro das associações que o analisando e também em seu conjunto, o analista, podem conseguir fazer. Essa superinterpretação, como já foi escrito, pontua a incompletude dos sentidos – não dá um início e nem um fim, todavia, constitui o processo onírico e a via interpretativa (GARCIA-ROZA, 2009, p.70-71).

Mesmo que a primeira interpretação tenha sido correta, ela se reveste de uma incompletude que lhe é essencial, e isso não porque ela tenha sido incompleta, mas pela natureza sobredeterminada do sonho (GARCIA-ROZA, 2009, p.70).

Por último, é importante também mencionar que nem todos os sonhos podem ser interpretados (FREUD, 1900, p.125). Assim como, podem haver pontos que são inacessíveis do emaranhado latente do qual não permite um avanço de ligações e conseqüentemente um entendimento (sentido), esse é conhecido como o umbigo do sonho (FREUD, 1900, p.125). É nesse ponto também, como sublinha GARCIA-ROZA (2009, p.71), que de fato não há mais o que interpretar.

Mesmo no sonho mais minuciosamente interpretado, é frequente haver um trecho que tem de ser deixado na obscuridade; é que, durante o trabalho de interpretação, apercebemo-nos de que há nesse ponto um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar e que, além disso, nada acrescenta a nosso conhecimento do conteúdo do sonho. Esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido (FREUD, 1900, p.125).

CAPÍTULO 3

3 Exemplos de sonhos e sua abordagem por Freud

Após um longo caminho de investigação sobre os processos de censura dos quais o conteúdo inconsciente passa para ser transmitido através do conteúdo manifesto dos sonhos (FREUD, 1900, p.189; GARCIA-ROZA, 2009, p.66), espera-se que minimamente essa escrita contribua para uma compreensão a respeito disso. E para auxiliar mais nesse entendimento, os trechos posteriores deste capítulo descreverão dois exemplos de sonhos trazidos e interpretados por Freud. Através de alguns fragmentos será demarcado um pouco de como aparecem as quatro modificações sobre o conteúdo onírico no que se refere à condensação, ao deslocamento, figuração e elaboração secundária que podem ser vistos nesses relatos dos sonhos.

Levando em consideração essas operações, mas principalmente a condensação, percebe-se a ocorrência de uma característica que não dá para ser alterada – no que diz sobre a ocupação de espaço do conteúdo manifesto de um relato ser menor que as tantas ligações que podem ser feitas para dizer sobre o conteúdo latente que se abriga no primeiro (FREUD, 1900, p.189; GARCIA-ROZA, 2009, p.67). Pois, como já foi abordado, um elemento do sonho pode ser sobredeterminado por uma massa de pensamentos do sonho (FREUD, 1900, p.193).

Além do mais, cabe novamente fazer uma reiteração de que mesmo que aqui seja uma revisão desses sonhos baseada nos relatos e interpretações de Freud onde o mesmo pontua também como observou a aparição dessas configurações feitas nos sonhos, é importante ressaltar que as interpretações podem ser das mais diversas até onde sejam possíveis fazê-las (FREUD, 1900, p.190).

Em regra geral, subestima-se o volume de compreensão ocorrido, pois fica-se inclinado a considerar os pensamentos do sonho trazidos à luz como o material completo, ao passo que, se o trabalho de interpretação for levado mais adiante, poderá revelar ainda mais pensamentos ocultos por trás do sonho. Já tive ocasião de assinalar [ver em [1]] que, de fato, nunca é possível ter certeza de que um sonho foi completamente interpretado (FREUD, 1900, p.190).

3.1 – Caso Irma

Antes de Freud relatar o seu sonho, ele fez questão de contextualizar com um preâmbulo no qual torna possível ver o uso de acontecimentos que podem ser até recentes aparecendo na formação do sonho, isso permite observar o papel da elaboração secundária que usa de restos diurnos ou fantasias diurnas para transportar algum ponto do inconsciente através de uma

construção inteligível no uso destes sobre o próprio sonho (GARCIA-ROZA, 2009, p.69). A concordância disso pode ser baseada no que o autor relata: “Ficou logo claro quais os fatos do dia anterior que haviam fornecido seu ponto de partida” (FREUD, 1900, p.83). Veja melhor adiante.

O preâmbulo de Sigmund Freud consiste nessa descrição: Por volta do verão de 1895 ele tratava psicanaliticamente de uma paciente e destaca que entre eles e suas famílias havia boa proximidade, todavia, durante o período deste tratamento o mesmo diz que ainda não identificava bem os critérios indicativos que poderiam contribuir para a finalização de um caso de histeria. Diante disso, pontuou que o acompanhamento terminou com um êxito parcial, no sentido em que não havia a predominância da angústia histérica, mas ainda manifestações de alguns sintomas somáticos. Logo, ele sugeriu uma solução à paciente na qual não houve concordância mútua, por isso ele decidiu parar o tratamento nas férias de verão (FREUD, 1900, p.82).

Dando sequência a esse contexto, o autor fala que recebeu a visita de um colega que era novo na profissão, Otto. E ao perguntá-lo como sua paciente aparentava estar, já que esse seu amigo estivera com a mesma e sua família, o mesmo disse “Está melhor, mas não inteiramente boa” (FREUD, 1900, p.82). Essa resposta não foi bem acolhida por Freud, no entanto, ele também não transpareceu muito isso no momento. Ele tomou essas palavras de seu colega de profissão como se fosse se referindo a uma posição contrária na qual Otto tomasse junto a família da paciente Irma (que não dava créditos ao tratamento). Assim, como forma de se explicar escreveu na mesma noite o caso clínico da jovem senhora que acompanhou na intenção de entregar a uma figura considerada principal nesse círculo de trabalho, o Dr. M. E por volta dessa noite ou na manhã seguinte ele sonhou e já anotou o mesmo ao despertar (FREUD, 1900, p.82).

Agora, inicia-se um resumo do sonho com possíveis observações de algumas operações do trabalho onírico de onde se partem as múltiplas associações feitas por Freud sobre o relato do mesmo (FREUD, 1900, p.83-90).

O sonho é representado com figuras comuns, tendo como base os acontecimentos recentes que o autor descreveu no preâmbulo, como se fosse uma continuidade dos pensamentos de vigília. Nisso, portanto, como foi mencionado anteriormente é possível relacionar ao trabalho da elaboração secundária. Embora tenha sido efetuada o uso dessas lembranças como uma fachada desse relato, não houve impedimentos para que em conjunto os outros modificadores do trabalho onírico fizessem sua parte e tornasse os elementos

sobredeterminados ao levarem para muitas direções do que se refere ao inconsciente (FREUD, 1900, p.103-104).

O relato retrata um grande salão onde recebiam os convidados (como ele pode associar ao aniversário de sua esposa que estava próximo, então, possivelmente era Freud e sua esposa quem faziam essa recepção), dentre os convidados estava Irma. Ele ao ter contato com ela queria tirar satisfação da carta que a mesma enviou e ainda deixava claro para a paciente que foi culpa dela não ter aceito a solução que ele propôs. Ao longo disso, Irma disse a ele o tanto de sintomas que sentia e que se sentia sufocada. Ao ouvir ficou até espantado. Então a levou numa janela e a examinou e cada vez mais apareciam evidências de alguns sintomas, Freud chamou o Dr. M. no que o mesmo confirmou o diagnóstico e chamou também o seu amigo Otto e o Leopold (FREUD, 1900, p.82-83).

O doutor M. parecia com uma aparência diferente: “estava muito pálido, claudicava e tinha o queixo escanhoado...” (FREUD, 1900, p.83). Além disso, esse médico deu relevância ao diagnóstico de uma infecção, mas sem mostrar preocupação ao dizer que aconteceria uma disenteria e seria expulsa a toxina. E Freud teve também a percepção de uma fórmula impressa no que se refere ao preparado de uma injeção que foi usada por Otto noutra paciente quando ela não se sentia bem, ele considerou isso como um ato impensado e que provavelmente a seringa não estava limpa (FREUD, 1900, p.83).

Durante a análise que esse psicanalista fez do seu sonho, o mesmo se deparou com a figura de outras pessoas que foram representadas na imagem de Irma. Aqui operaram a condensação e figuração: reuniram características diferentes e pertencentes a outras pessoas numa figura só (FREUD, 1900, p.199). Ora algo desse elemento no sonho refletia numa governanta ora numa amiga de Irma, e isso acabou mostrando a ele o que ele desejava: trocar sua paciente Irma por outra que acolhesse melhor sua sugestão (FREUD, 1900, p.85).

Portanto, eu estivera comparando minha paciente Irma com duas outras pessoas que também teriam sido resistentes ao tratamento. Qual poderia ter sido a razão de eu haver trocado, no sonho, por sua amiga? Talvez fosse porque eu teria gostado de trocá-la: talvez sentisse mais simpatia por sua amiga, ou tivesse uma opinião mais elevada sobre a inteligência dela, pois Irma me parecera tola por não haver aceito minha solução. Sua amiga teria sido mais sensata, isto é, teria cedido mais depressa. Assim, teria aberto a boca como devia e me dito mais coisas do que Irma (FREUD, 1900, p.85).

O que talvez dê para associar a ação do deslocamento, da condensação e figuração são quanto as semelhanças físicas do médico M. que se fundiram na imagem dele e remontava também a aparência do irmão mais velho de Freud. Poderia ser apenas uma semelhança, porém, houve o deslocamento de importância no pensamento que Freud tinha sobre ambos: eram

peças que não aceitaram a sugestão que em certo tempo o mesmo fizera a eles (FREUD, 1900, p.86).

Devia ter havido alguma razão, refleti, para que eu fundisse essas duas figuras numa só no sonho. Lembrei-me então de que tinha uma razão semelhante para estar mal-humorado com cada um deles: ambos haviam rejeitado certa sugestão que eu lhes fizera havia pouco tempo (FREUD, 1900, p.86).

Se for levar pela expressão usada por Freud (1900, p.87) ao se referir a outro fragmento – “A princípio, isso me pareceu ridículo” – pode ser considerado aqui também o deslocamento. E como ele mesmo transcreveu, precisou ser levado a sério também. Diz respeito a parte sonhada, na qual o Dr. M. disse ser uma infecção identificada na paciente que em decorrência da disenteria seria eliminada a toxina (FREUD, 1900, p.83, p.87). Freud tinha descoberto uma difteria local na paciente e isso era em torno da mesma discussão que ele fazia na época da doença da filha dele que remontava a esse quadro (FREUD, 1900, p.87).

E quanto ao uso da injeção feito por Otto em Irma no conteúdo manifesto do sonho, talvez nesse ponto aconteceu a condensação, figuração e elaboração secundária. Pelo fato de condensar a aplicação na ação de Otto, também dessa referida pessoa e do uso da injeção aglutinar outros acontecimentos parecidos com esse relatado oniricamente, além do mais, foi tudo posto com certa coerência para ser contado e contextualizado no sonho (FREUD, 1900, p.83, p.88-90, p.211; GARCIA-ROZA, 2009, p.68). Veja isso acontecendo na abstração dessa associação feita pelo autor Freud:

Essas injeções me fizeram recordar mais uma vez meu infeliz amigo que se envenenara com cocaína [ver em [1]]. Eu o havia aconselhado a só usar a droga internamente [isto é, por via oral], enquanto a morfina era retirada; mas ele de imediato se aplicara injeções de cocaína (FREUD, 1900, p.88).

Em outra parte, que diz sobre a percepção destacada da fórmula do preparo da injeção, dá margem para ver a figuração quanto a palavra incluída: trimetilamina (FREUD, 1900, p.83). “Comecei a imaginar por que a fórmula de trimetilamina teria sido tão destacada no sonho. Numerosos assuntos importantes convergiam para aquela única palavra” (FREUD, 1900, p.89). Mostram que essa percepção no conteúdo do sonho liga a outros pontos, dentre eles: a uma boa relação com um amigo que compartilhava parte de estudos que interessavam a Freud no que remete à sexualidade, que ele releva a importância deste fator como uma origem de distúrbios nervosos (FREUD, 1900, p.89).

3.2 – O Sonho da Monografia de Botânica

Com referência ao relato deste sonho há de destacar que é bem menor do que o anterior, embora isso não ausente o tanto de ligações possíveis com os feixes latentes – isso também revela o nível da condensação presente no mesmo (FREUD, 1900, p.189).

Este sonho diz resumidamente sobre uma monografia que Freud havia escrito sobre um tipo de plantas não especificado. No conteúdo manifesto, diz também que o livro estava em sua frente e que ele virava uma lâmina colorida dobrada, além de ter um “espécimen seco da planta” encadernado no exemplar (FREUD, 1900, p.192).

Neste referenciado relato, é possível ver minimamente que houve a participação da elaboração secundária por montar o mesmo de maneira inteligível e até mesmo por alguns de seus elementos terem alguma relação com alguma lembrança (pensamento) diurno (FREUD, 1900, p.103; GARCIA-ROZA, 2009, p.68-69). Isso pelo fato dele esclarecer que: “Isso vinha das impressões do dia do sonho: eu de fato vira uma monografia sobre o gênero *Ciclâmen* na vitrina de uma livraria” (FREUD, 1900, p.192).

Também pode-se pontuar tanto a condensação como o deslocamento agindo no usufruto de elementos, como o principal que aparecia – monografia de botânica – que escondia ou melhor levava a muitas outras associações, por exemplo, o fez lembrar de uma conversa que tivera na noite anterior com o Dr. Königstein que foi interrompida, isso foi tido através da ligação que fizera antes do trabalho sobre cocaína que uma vez escreveu, que a partir daí levou a muitas outras ligações (FREUD, 1900, p.192). Embora esse elemento destacado acima tenha tido tanta evidência no manifesto e ao mesmo tempo era algo sem muito valor, estava detido de extremas ligações com o que pertence ao inconsciente (FREUD, 1900, p.192, p.207; GARCIA-ROZA, 2009, p.67).

Dentre muitas outras associações feitas pelo autor quanto aos termos separadamente “botânica” e “monografia”, algumas delas remeteram ao Professor Gartner (jardineiro), que levou em algum passo as conversas que ele tinha com o Dr. Königstein que abordava também a respeito dos passatempos favoritos de Freud (FREUD, 1900, p.192). O componente “monografia” perpassa por uma semelhança quanto ao dispêndio dos passatempos favoritos dele e da parcialidade com seus estudos (FREUD, 1900, p.193).

Com base nisso, percebe-se que de um componente do sonho manifesto dirige-se a muitos pensamentos do sonho, todavia, nem todos estavam fortemente ligados ao conteúdo latente como o termo “botânica” (FREUD, 1900, p.193, p.207). Fora isso, o que pode ter acontecido pelo trabalho do sonho no uso desse elemento foi com a configuração da figuração, por exemplo. No que explica a isso, diz quanto a afirmação de Freud: que esse não era um assunto que interessava muito a ele e por isso representou uma antítese (FREUD, 1900, p.207-

208), e como foi abordado, a figuração pode operar nas relações lógicas e pode efetuar também uma ideia contrária (FREUD, 1900, p.212).

Assim, no sonho da monografia de botânica [em [1]], por exemplo, o ponto central do conteúdo do sonho era, evidentemente, o elemento “botânica”, ao passo que os pensamentos do sonho concerniam às complicações e conflitos que surgem entre colegas por suas obrigações profissionais, e ainda à acusação de que eu tinha o hábito de fazer sacrifícios demais em prol de meus passatempos. O elemento “botânica” não ocupava absolutamente nenhum lugar nesse núcleo dos pensamentos do sonho, a menos que a eles se ligasse vagamente por uma antítese – pelo fato de que a botânica jamais figurara entre meus estudos favoritos (FREUD, 1900, p.207-208).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sonhos podem ser vistos por alguns como incompreensíveis e sem sentido, porém, através desses estudos de Freud sob os quais baseei a produção deste trabalho, a percepção obtida é outra. Estes são cheios de sentidos ao levarem para muitas linhas que de aparência estão encobertas pelo trabalho do sonho, todavia, ao passo que podem ser interpretados mostram muitos significados que perpassam pelo conteúdo latente (inconsciente) [FREUD, 1900, p.189].

Acompanhamos nos capítulos que antecederam a essa parte do texto que toda essa aparência distorcida e às vezes absurda do conteúdo manifesto é provocada pelo trabalho onírico. Este acontece através das suas modificações que condensam, deslocam, fazem a figuração e a elaboração secundária dos pensamentos dos sonhos ao transformarem em alguns elementos que sejam mais aceitos e passem pela barreira da censura e assim sejam conhecidos pelo relato do conteúdo manifesto do sonho (GARCIA-ROZA, 2009, p.66-67).

Assim, percebemos que os sonhos são como realizações de desejos ao expressarem partes do inconsciente (GARCIA-ROZA, 2009, p.85). Esses desejos inconscientes que podem levar a produção do sonho tem uma base infantil, primitiva no sentido de mostrar a base constitutiva do sujeito, ou melhor, a linguagem que o organiza frente às suas escolhas e modos de gerir as circunstâncias da vida (GARCIA-ROZA, 2009, p.66; FREUD, 1900, p.135, p.140; COELHO DOS SANTOS, 2005, p.06).

Os desejos provenientes do sistema inconsciente encontram-se em permanente disposição para uma expressão consciente, no que são impedidos pela censura. Esta, no entanto, pode ser burlada na medida em que o desejo inconsciente transfira sua intensidade para um impulso do consciente cujo conteúdo ideativo funcione apenas como indicador do desejo original (GARCIA-ROZA, 2009, p.85).

Para além disso, vimos que o processo interpretativo visa encontrar os sentidos dos sonhos a partir do conteúdo manifesto e chegar às ligações desse com o conteúdo latente dentro das associações que o sonhador consegue fazer (GARCIA-ROZA, 2009, p.66). E pontuamos que nem todos os sonhos podem ser interpretados (FREUD, 1900, p.125). Há de destacar uma riqueza quanto a sobredeterminação dos elementos de um sonho, pois estes estão ligados a massa dos pensamentos latentes (FREUD, 1900, p.193). Ou seja, de uma ligação podem acontecer várias outras associações, o que mostra também a superinterpretação – interpretações diferentes podem ser feitas de um mesmo sonho em diferentes contextos, por exemplo (FREUD, 1900, p.124; GARCIA-ROZA, 2009, p.70).

Levando em consideração a relevância deste tema com relação à psicanálise e prática clínica, acredito que seja interessante o lançamento de pesquisas em torno das manifestações e visibilidade dos afetos nos sonhos junto aos sonhos de angústia (FREUD, 1900, p.159-162). No que concerne a isso, pode-se viabilizar um direcionamento quanto a uma escuta diferenciada que auxilie o sujeito no entendimento e elaboração daquilo que lhe cercou (deteve sua atenção) sobre alguns aspectos sonhados, que podem ser associados a situações traumáticas que ainda tomam a pessoa e que precisam ser trabalhados (GARCIA-ROZA, 2009, p.70; COELHO DOS SANTOS, 2005, p.07).

Para concluir, quero ressaltar a importância do trabalho de análise dos sonhos, quando possível, na prática clínica. E junto a isso, menciono o que através das minhas próprias experiências com sonhos me deixou instigada com o tanto de revelações de sentidos que eles podem fornecer ao sujeito sonhador e ao psicólogo que o acompanha. Logo, reitero mais uma vez a relevância de dar atenção e ouvir o relato dos sonhos feito pela pessoa em atendimento psicológico ao ter em vista que o mesmo pode se mostrar como uma forma do sujeito se expressar ou mostrar partes do inconsciente que estavam encobertas e que antes não conseguia transmitir em suas próprias palavras, todavia, através de um sonho foi possível dizer o indizível (COELHO DOS SANTOS, 2005, p.01).

Eu não sei se vocês percebem a estranheza desse ponto: no meio de uma narrativa, o próprio paciente interpolava um sonho, indicando que uma parte da causalidade da doença escapa à consciência do sujeito. Ele não sabe dizer sobre isso, mas, de alguma maneira, ele sabe que pode dizer algo sobre isso através do relato dos seus sonhos. Há uma relação entre o sonho e a narrativa (COELHO DOS SANTOS, 2005, p.01).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO DOS SANTOS, T. (2005). O caso Dora. Disciplina sobre as estruturas clínicas. Instituto Sephora de Pesquisa de Orientação Lacaniana, ISEPOL: Laboratório de Ensino. Disponível em: http://www.isepol.com/down_estruturas_clinicas/4_estruturas.pdf. Acesso em: 20 ago. 2024.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos (I), volume IV**. Editora Imago, 1900. Disponível em: <https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-04-1900.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2024.

FREUD, S. Capítulo II – O método de interpretação dos sonhos: Análise de um sonho modelo. *In*: FREUD, S. **A interpretação dos sonhos (I), volume IV**. Editora Imago, 1900. p. 82 – 90. Disponível em: <https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-04-1900.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2024.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos (II) e sobre os sonhos, volume V**. Editora Imago, 1900-1901. Disponível em: <https://www.spfor.com.br/wp-content/uploads/2020/01/Sobre-os-sonhos-Freud-1901.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2024.

FREUD, S. **Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I)**. 1913. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1lqpUyTDd3p6QDbBqwleo_2rz-gRsXGHK/view?usp=drivesdk. Acesso em: 20 ago. 2024.

GARCIA-ROZA, L. Capítulo II – O discurso do desejo: A interpretação de sonhos. *In*: GARCIA-ROZA, L. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: 24.ed. Jorge Zahar Ed, 2009. p. 61 – 92. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4345298/mod_folder/content/0/GARCIA-ROZA-Luiz-Alfredo.-Freud-e-o-Inconsciente.pdf?forcedownload=1. Acesso em: 20 ago. 2024.